

## LITURGIA E CULTO

Fundamentos bíblicos, históricos,  
teológicos, antropológicos

### Concepção

A história entre Deus e as pessoas carrega em suas entranhas a experiência do culto. **Culto** é aqui concebido como *encontro que congrega Deus e um grupo de pessoas, bem como estas entre si*. O sujeito do culto é Deus. Deus vem ao encontro da comunidade (Mt 18.20), e Deus de fato ordena que o culto aconteça (1Co 11.24-25: “fazei isto”). O encontro é ação de Deus. As pessoas reagem e aceitam o convite de Deus. Nesse encontro, elas ouvem sua vontade (Palavra de Deus), comungam na sua mesa (Ceia do Senhor) e realizam comunhão entre si. A Deus dirigem oração, adoração, louvor, evidenciam sua disposição de assumir o compromisso da fé, e saem do culto para testemunhar a fé e para servir ao Senhor no contexto em que estão inseridas.

Traços bastante expressivos desse culto estão no primeiro livro da Bíblia, envolvendo o grupo de Noé (Gn 8-9). Diz essa confissão bíblica que, ao sair da arca, a família de Noé ergueu um altar e sobre ele ofereceu sacrifícios. Celebrou culto (8.20). Essas pessoas reconheceram a presença de Deus em sua história. Adoraram esse Deus. Ouviram sua vontade. Foram abençoadas e viveram orientadas por ele.

Esse culto – encontro de Deus com pessoas, realizado num contexto determinado, embebido na vida cotidiana – é um dos traços que identificou o povo de Deus. E toda vez que o culto foi deturpado, sofreu críticas, e críticas severas (Jr 7.1-11; Am 5.21-22).

No seu tempo, Jesus conheceu esse culto. Celebrou com sua gente. Quando ne-

cessário, retomou a crítica feita por profetas. Foi opositor severo ao constatar que um dos lugares separados (consagrados) para o culto tinha sido transformado em covil de ladrões que se apoiavam no aparato religioso (Mt 21.13). Esse culto, que reúne pessoas na presença de Deus – como foi com a família de Noé –, não só recebeu o aval de Jesus (Mt 18.20), como também foi ordenado por ele (1Co 11.24-25).

Atos dos Apóstolos 2.42 traduz a intensa vida em comunhão das primeiras comunidades cristãs, amparada na doutrina dos apóstolos, na oração, na partilha de bens e numa refeição (em cujo centro estava a Ceia do Senhor – não mais como sacrifício de propiciação oferecido a Deus, mas como recepção do sacrifício de Jesus em favor do mundo). Diariamente (v. 46) essas pessoas se reuniam. Sua forma de organização comunitária promovia a inclusão, ao ponto de não haver nenhum ne-

cessitado entre elas (4.34), e estava amparada no culto. E isso foi um dos principais motivos do ódio que os líderes do Império Romano cultivaram contra os cristãos de Jerusalém.

Tomando as pessoas na sua integralidade (de forma holística), o culto as congrega e reúne na presença de Deus. O culto é uma parada estratégica necessária ao longo de uma jornada. Reúne pessoas na presença de Deus e faz delas uma comunidade. E, a partir do exemplo de Noé, o culto é realizado num contexto presente (após a saída da arca), em vista de acontecimentos passados (o dilúvio), numa perspectiva futura (o recomeço após a destruição).

No culto, a comunidade encontra-se com Deus. Essa realidade é sinal da ação primeira de Deus. Ele vem e cria comunidade. A comunidade reage. Neste sentido, a atitude de Noé de construir um altar resultou da sua fé. A Bíblia o apresenta como pessoa temente a Deus (Gn 6.22). Sua pronti-

dão para o culto estava ancorada no reconhecimento de que Deus o guardara até ali, juntamente com todos os seres vivos na arca. A adoração de Noé representou uma reação à ação primeira de Deus. O culto, nesse sentido, foi a resposta da família de Noé de que Deus a guiara e salvara.

Num segundo sentido, como reação, o culto traz uma ação coletiva. E isto traz conseqüências para quem organiza o culto. Dando asas à imaginação, podemos, com base no texto, enxergar a família de Noé preparando o lugar litúrgico (sinalizado pelo altar construído), carregando a madeira para o fogo, carneando os animais para o sacrifício, reunida em círculo para adorar o Senhor, cantando hinos, tendo, todos, a oportunidade de expressar sua gratidão e suas preces. Noutras palavras, essa reação resultou numa **liturgia**, um conjunto de atos, palavras e formas, carregados de significado, expressos de um

certo jeito, numa certa seqüência.

A vida cristã é uma atitude constante de culto, no sentido de que as pessoas cristãs sempre seguem a voz de Deus e dialogam com ele para atuarem no mundo. O apóstolo Paulo traduziu isto ao falar do “culto racional” (Rm 12.1-2), isto é, o culto cotidiano, da vida. Ao mesmo tempo, esse culto diário, de cada indivíduo (que também pode ser articulado de forma grupal), não substitui a necessidade do culto que congrega pessoas num local e horário específicos, para ali ouvirem, experimentarem, adorarem, louvarem, orarem de determinado jeito, com o auxílio de determinados recursos. Assim, no todo da vida, no culto diário e constante, destaca-se o culto que congrega pessoas e faz delas uma comunidade. No caso do cristianismo, é ali, no culto, que a comunidade se fortalece na Palavra e na Ceia do Senhor. Ali ela festeja a presença do Ressuscitado. Congregada para

o culto, ela se reconhece como corpo de Cristo, criado pelo Espírito Santo, consagrado para ser sal e luz no mundo. E esse culto, em

local e hora marcados, acontece de uma certa forma, com determinados recursos, segundo uma liturgia.

### Um legado histórico comum

Noé ergueu um altar. Outros consagraram novos lugares e utensílios destinados aos cultos (Nm 7.1). Pessoas foram consagradas para presidir os cultos (Nm 8.5-26). Os descendentes dos escravos saídos do Egito festejavam essa memória anualmente, contando, cantando, ceando (Dt 6.20-25; 16.3. Êx 12.25-27). No tempo de Jesus, o culto nas sinagogas congregava gente que lia e ouvia a palavra de Deus, orava, em nome dele, intercedendo pelo mundo, e pedia sua bênção. O próprio Jesus celebrou. Durante uma refeição, dando novo significado aos elementos de um rito antigo, que implicavam o uso do pão, do fruto da videira, de gestos e símbolos, ordenou que seus adeptos se reunissem para celebrar em memória

do seu sacrifício redimidor. Após a ascensão de Jesus, os grupos de pessoas batizadas em nome do trino Deus – as comunidades cristãs – se reuniam regularmente para ouvir a Palavra, para orar, para reconciliar-se, para fazer a refeição em memória de Jesus (a Ceia do Senhor), recebendo nela os benefícios do seu sacrifício na cruz, para fortalecer a vida em comunhão, para superar as desigualdades e construir a justiça pela partilha de bens, testemunhando publicamente a vontade de Deus revelada em Cristo.

Essa convivência estava ancorada em intensiva e regular prática de celebrações, nas quais se fazia uso de elementos litúrgicos que remontam às raízes da história do povo hebreu, ainda que interpretados à luz do

evento pascal. Às vezes desvirtuados, outras vezes utilizados para fins questionáveis, esses elementos cunharam a liturgia cristã. Deixaram nela suas marcas indeléveis e acabaram agregados em **dois núcleos**.

Fontes bíblicas (como 1Co 11.17-34 e At 2.42-47) e documentos dos três primeiros séculos d. C. (como a Didaqué, a Apologia de Justino, a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma) atestam que, desde as origens do culto cristão, esses dois núcleos litúrgicos são o da Palavra e o da Ceia do Senhor (ou Eucaristia). O primeiro, proveniente do culto judaico, passou a ser a Liturgia da Palavra. Compreendia trechos lidos (narrados) da palavra de Deus (*Leituras bíblicas*), a *Pregação* e a oração de intercessão (*Oração geral da Igreja*). O segundo, e que pode ser considerado como marca genuinamente cristã do culto, é a Liturgia da Ceia do Senhor, que compreendia o *Preparo*

*da mesa*, a *Oração eucarística* e a *Comunhão*.

Segundo G. Dix<sup>1</sup>, liturgista inglês, a Ceia do Senhor, instituída por Jesus, passou a ser celebrada, já pela primeira geração cristã, de acordo com um “esquema de quatro ações”. E essas quatro ações se desenvolveram a partir das ações centrais praticadas por Jesus na instituição da Ceia. Lá, ele *tomou* o pão e o cálice, *agradeceu* sobre eles, *partiu* o pão e os *deu* (pão e cálice) aos que estavam à mesa. Conforme o autor, o ato de *tomar* originou o *Ofertório*. Seu ato de *dar graças* (prática central da tradição judaica: a *ação de graças*) deu origem à *Oração eucarística*. Seu gesto de *partir* o pão deu origem à *Fração*. Finalmente, do ato de *dar* o pão e o cálice desenvolveu-se a *Comunhão*. Ainda segundo Dix, em todo o mundo cristão dos primeiros séculos, a Liturgia da Ceia do Senhor era celebrada nesta forma e nesta ordem: *Ofertório, Ora-*

<sup>1</sup> G. DIX, *The Shape of the Liturgy*, London: A/C Block, 1945.

*ção eucarística, Fração, Comunhão*.

Em diferentes lugares e momentos, outros gestos, atos, símbolos e textos foram agregados àqueles dois núcleos e àquelas quatro ações. Um deles é a reconciliação, através do *Gesto da paz* (Mt 5.23-24; Tg 5.16). Noutros momentos históricos, elementos litúrgicos foram retirados. Outras vezes, novas interpretações foram adicionadas a elementos desses dois núcleos. Tudo isso representou ganhos e perdas. E assim surgiu a liturgia, o **ordo**, um conjunto de elementos e formas usados para realizar o encontro entre Deus e a comunidade. E é a partir desse processo que se constituíram as grandes *famílias litúrgicas*, que mantêm os núcleos básicos comuns.

Assim como Noé consagrou lugar e objetos para o culto, pode-se afirmar que o *ordo* do culto cristão acabou

“consagrado” pela igreja como recurso comum para celebrar. Antes da sua divisão (1054), a igreja cristã celebrou com base nesse *ordo* por 1.000 anos! Depois, ainda que divididas em igrejas, as famílias confessionais encontram nesse *ordo* um ponto de encontro. Um sinal evidente disso está no fato de que ele serviu como meio para celebrar um dos momentos marcantes da caminhada ecumênica da história recente. Ajudou a expressar um ponto de convergência central de um grupo de igrejas históricas ocidentais. Isto sucedeu em 1982, no encerramento da reunião da Comissão de Fé e Constituição, do Conselho Mundial de Igrejas, em Lima, Peru. Nessa ocasião, acordos ecumênicos sobre Batismo, Eucaristia e Ministério<sup>2</sup> foram selados com uma celebração. Dali surgiu a chamada *Liturgia de Lima*<sup>3</sup>. Ela teve por base o *ordo* litúrgico que a história legou.

<sup>2</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, *Batismo, Eucaristia, Ministério*, 2. ed., Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1984 (Convergência da fé, 2).

<sup>3</sup> A Liturgia de Lima encontra-se como anexo em: N. KIRST, *Nossa Liturgia: das origens até hoje*, ed. rev. e atualizada, São Leopoldo: Sinodal, 2000 (Série Colméia, 1).

## A liturgia na IECLB: entre a tradição e a decisão conciliar

No baú da sua história, as pessoas luteranas que vieram da Alemanha ao Brasil, a partir de 1824, trouxeram profundas experiências de fé e de vida comunitária. Bíblia, hinário, livro de orações e liturgias são parte destacada dos componentes dessa herança.

A partir da influência decisiva dos pastores que para cá vieram e acompanharam as comunidades<sup>4</sup>, duas são as principais tradições litúrgicas que identificam o culto das comunidades da IECLB: a *prussiana* e a *bávara*. A *prussiana* (Manual do Culto, 1964<sup>5</sup>) é originária da determinação do rei da Prússia, Frederico Guilherme III, no início do século XIX, quando uniu as tradições reformada e luterana. Essa liturgia mode-

lou o culto da maioria das comunidades da IECLB que surgiram nos estados do sul do Brasil.

Outra é a tradição litúrgica que até hoje identifica o culto luterano no estado do Espírito Santo (também denominada “liturgia capixaba”). Trata-se da liturgia de tradição bávara (do sul da Alemanha). Essa liturgia consta no Prontuário do Culto Evangélico-Luterano (1955)<sup>6</sup>.

Na medida em que a IECLB decidiu aprovar e adotar como sua liturgia oficial o *ordo* que a história legou, surgem algumas perguntas. O que acontece com as liturgias prussiana e bávara? Serão jogadas na lixeira da história? Têm elas alguma relação com a liturgia oficial?

<sup>4</sup> Esses pastores trouxeram a experiência litúrgica da sua respectiva igreja, ancorada em tradição e contexto específicos. Isto também ajuda a entender os vários matizes litúrgicos existentes na IECLB. Confira *Tear – Liturgia em revista*, São Leopoldo, n. 10, maio 2003.

<sup>5</sup> Manual do Culto, 1ª. ed. (prov), São Leopoldo: Sinodal, 1964.

<sup>6</sup> Prontuário do Culto Evangélico-Luterano (Handreichung für den Gottesdienst), 3ª. ed., Vitória: Artgraf, 1981.

Para tratar dessa questão, é útil analisar a tabela comparativa entre as liturgias prussiana (à esquerda),

bávara (no meio) e oficial da IECLB, aprovada no Concílio Geral de 2000 (à direita)<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Os elementos da liturgia prussiana têm por base o esqueleto litúrgico que está no final de Hinos do Povo de Deus (HPD I) e a prática litúrgica efetiva, que adotou elementos não registrados. Os elementos da liturgia bávara (“capixaba”) são extraídos do Prontuário do Culto Evangélico-Luterano.

## LITURGIA DE ENTRADA

<b>Prussiana</b>	<b>Bávara</b>	<b>Oficial da IECLB</b>
Chegada	Chegada	Chegada
Sino	Sino	Sino
Oração preparatória individual	Oração preparatória individual	Oração preparatória individual
Prelúdio	Prelúdio	Prelúdio
Versículo de entrada	Versículo de entrada	Versículo de entrada
Acolhida	Acolhida	Acolhida
Cântico de entrada	Cântico de entrada	Cântico de entrada
Intróito com Gloria Patri	Voto inicial <sup>8</sup>	Voto inicial  Saudação apostólica  Oração preparatória da comunidade
Confissão de pecados É seguida pela exclamação Tem piedade de nós, Senhor!, tradução de Kyrie eleison	Confissão de pecados	A Oração preparatória da comunidade pode ter o caráter de confissão de pecados.

<sup>8</sup> *Voto inicial* (Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.) é sinônimo de outras expressões utilizadas para definir esse elemento da liturgia, como: “*Voto de abertura*”, “*Declaração Trinitária*”, “*Invocação*”. Na liturgia prussiana, esse voto está embutido no chamado “*Intróito com Gloria Patri*”.

Absolvição ou Anúncio da graça

Absolvição

Uma das formas da Confissão de pecados é com a Absolvição.

Intróito com Gloria Patri

Kyrie eleison  
Como saudação a Jesus Cristo

Kyrie eleison  
Como lamento pelas dores do mundo

Gloria in excelsis  
Como resposta da comunidade ao anúncio da graça

Gloria in excelsis  
Alegria pela vinda de Jesus como Salvador

Gloria in excelsis  
O louvor da comunidade porque Deus se faz presente na Palavra e nos Sacramentos

Oração do dia

Oração do dia

Oração do dia

Observações a partir desta comparação:

\*Não há elementos novos na liturgia aprovada no Concílio.

\*Há, sim, elementos litúrgicos que na liturgia oficial, a partir da pesquisa litúrgica, recebem outra função e outro significado.

\*Há pequenas alterações na seqüência dos elementos.

## LITURGIA DA PALAVRA

Prussiana	Bávara	Oficial da IECLB
Leituras bíblicas Determinadas pelo Lecionário	Leituras bíblicas Determinadas pelo Lecionário	Leituras bíblicas Determinadas pelo Lecionário Distingue-se pelo resgate do Salmo, após o texto do AT
Cânticos intermediários	Cânticos intermediários	Cânticos intermediários Com destaque para a aclamação do Evangelho
Confissão de fé	Confissão de fé	Hino
Hino	Hino	Hino
Pregação	Pregação	Pregação Com sugestão de múltiplas formas de pregação
Hino	Hino	Hino Confissão de fé
Comunicações	Comunicações	Comunicações Sobre assuntos que precisam ser incluídos na Oração geral da Igreja
Oração memorial	Oração memorial	Oração memorial
Oração geral da Igreja	Oração geral da Igreja	Oração geral da Igreja Inclui agradecimentos e faz uso de preces breves, subscritas com um refrão pela comunidade
Ofertas Utiliza a expressão ofertório	Ofertas	

1.29

Observações a partir desta comparação:

\*O núcleo desta parte consiste de três elementos: *Leituras bíblicas, Pregação, Oração geral da Igreja.*

\*A liturgia oficial procura ressaltar:

- a aclamação do Evangelho;
- a possibilidade de pregar a Palavra de múltiplas formas;
- a distinção entre *Avisos gerais* (como parte da Liturgia de Saída) e *Comunicações* sobre assuntos que serão incluídos na *Oração geral da Igreja*;
- a *Confissão de fé* como resposta à Palavra;
- que a *Oração geral da Igreja* pode ter muitas formas e que é essencial a participação ativa da comunidade;
- que as *Ofertas* são parte do *Ofertório*, na Liturgia da Ceia do Senhor.

## LITURGIA DA CEIA DO SENHOR<sup>9</sup>

Prussiana	Bávara	Oficial da IECLB
Hino	Hino	Hino
Confissão de pecados Admoestação com vistas à Ceia		Preparo da mesa e Ofertório O recolhimento das ofertas ocorre aqui
		Oração do ofertório
Diálogo	Diálogo	Diálogo
Prefácio Sanctus Palavras de Instituição	Prefácio Sanctus Anamnese* Epiclese*	Oração eucarística Prefácio Sanctus Anamnese Narrativa da Instituição

<sup>9</sup> A liturgia oficial, à luz dos núcleos que compõem o *ordo*, pressupõe o culto com a Ceia do Senhor como culto regular. A história do nosso culto centrado na Palavra, sem a Ceia, não pode ser negada. Urge, porém, incluir a Ceia do Senhor nos cultos da Igreja.

1.30

	Dípticos* Doxologia* (* Considerados facultativos) Palavras de Instituição	Epiclese Mementos ou Dípticos Doxologia
Pai-Nosso	Pai-Nosso	Pai-Nosso
	Saudação de paz	Gesto da paz Fração
Cordeiro de Deus	Cordeiro de Deus	Cordeiro de Deus
Comunhão	Distribuição (Comunhão)	Comunhão
Hinos Durante a comunhão	Hinos Durante a comunhão	Hinos – Música Durante a comunhão
	Versículo final	
Oração	Oração	Oração pós-comunhão

Observações a partir desta comparação:

\*Enquanto componentes do “esquema de quatro ações”, o *Preparo da mesa* e o *Ofertório* são parte constitutiva da liturgia oficial.

\*A liturgia prussiana repete a *Confissão de pecados*, como preparação para a Ceia do Senhor.

\*A liturgia prussiana mantém da *Oração eucarística* clássica o *Prefácio*, o *Sanctus* e as *Palavras de Instituição*.

\*A liturgia bávara admite como possibilidade o uso de todos os elementos da *Oração eucarística*, ainda que considere “facultativos” a *Anamnese*, a *Epiclese*, os *Dípticos* e a *Doxologia*.

\*Enquanto a *Narrativa da Instituição* é parte da *Oração eucarística* clássica, as liturgias prussiana e bávara dão às

*Palavras de Instituição* uma função destacada, apartando-as dessa oração.

\*O *Gesto da paz* não aparece na liturgia prussiana; a liturgia bávara o apresenta como *Saudação da paz*.

\*Essas duas liturgias igualmente não fazem menção da *Fração* como elemento distinto, com sua função específica.

#### LITURGIA DE SAÍDA

Prussiana	Bávara	Oficial da IECLB
		Avisos gerais
Hino		Hino
Bênção	Bênção	Bênção
Hino	Hino	
	Envio Como uma opção	Envio
	Oração mental de saída	Oração silenciosa individual
Poslúdio	Poslúdio	Poslúdio
Sino	Sino	Sino

Observações a partir desta comparação:

\*A liturgia oficial da IECLB acentua um nexos litúrgico-teológico entre *Bênção* e *Envio*. O *Envio* segue-se imediatamente à *Bênção* e não há hino intercalado entre ambos; a comunidade abençoada vai, imediatamente, sem se deter, para o culto do dia-a-dia.

\*A liturgia bávara e a liturgia oficial preservaram um componente rico da espiritualidade cristã, em muitos casos perdido: o lugar da *Oração mental de saída* ou *Oração silenciosa individual*.



## Que ensinamentos nos oferece essa comparação?

Analisando as duas tradições litúrgicas, a prussiana e a capixaba, constata-se que elas contêm, na sua essência, os elementos centrais do *ordo* legado pela história da igreja cristã, confirmados pela base confessional desta igreja. Por exemplo, nelas encontram-se os núcleos da Palavra e da Ceia do Senhor.

Essa análise também permite afirmar que a liturgia sempre foi motivo de atenção e preocupação na Igreja. Por exemplo, o Manual do Culto (liturgia prussiana) e o Prontuário do Culto Evangélico-Luterano (liturgia bávara) representam um sinal claro de que a Igreja, além de dispor de recursos litúrgicos para que as comunidades pudessem celebrar o culto em terra brasileira, ofereceu liturgias ancoradas no *ordo* legado pela história, ainda que elementos litúrgicos desse *ordo* tenham

sido entendidos distintamente por uma e outra tradições. Portanto, ninguém “inventa” liturgia a partir do nada.

Isso, porém, não isenta a Igreja de revisar sua liturgia. A comparação indica, por exemplo – e a prática o confirma – que as liturgias de tradição prussiana e bávara, a partir da sua própria origem, acabaram fazendo do culto da Palavra o culto regular<sup>10</sup>. Ademais, percebe-se que as duas enfatizam de forma distinta alguns elementos da Liturgia da Ceia do Senhor. Também há concepções divergentes acerca da interpretação de certos elementos da liturgia e há, ainda, elementos do *ordo* clássico que simplesmente estão ausentes.

A partir de 1970, porém, surgiram novas perguntas em relação à liturgia da Igreja. Aumentaram as in-

<sup>10</sup> No Manual do Culto (liturgia prussiana) isto está bem claro. O Prontuário do Culto Evangélico-Luterano ainda pressupõe, ao menos na forma como está impresso, que o culto regular é com a Ceia do Senhor.

quietações diante das práticas litúrgicas vigentes. No centro dessas inquietações estava o propósito de “reavivar o culto”. E uma maneira de traduzir isso em palavras era dizer que se buscavam liturgias “diferentes” e “novas”. Os chamados “cultos jovens” revelam a mesma preocupação.

Hoje sabe-se que a inquietação salutar com o culto das comunidades não é fato isolado na IECLB. A Igreja Católica Apostólica Romana lançou um projeto de reforma litúrgica em 1962, com o Concílio Vaticano II. Igrejas luteranas de vários países também sentiram-se desafiadas por questionamentos relacionados ao culto e à liturgia. Prova disso é que em 1977, em sua Assembléia Geral, a Federação Luterana Mun-

dial (FLM) propôs reformas no culto e ofereceu subsídios para as discussões dali decorrentes<sup>11</sup>. Neste sentido, pode-se perceber que a renovação litúrgica é um traço do rosto da grande *ecumene*, ainda que a maneira de renovar faça as igrejas caminharem por trilhos distintos<sup>12</sup>.

No seu Concílio Geral, em 1990, em Três de Maio/RS, os conciliares entenderam que chegara a hora de a IECLB oferecer às suas comunidades orientações mais concretas e mais claras sobre o culto. E assim foi elaborado um (novo) *prontuário*, que, entre outros recursos, continha uma liturgia para a celebração do culto comunitário principal, intitulada *A Celebração da Eucaristia (Celebrações do Povo de Deus –*

<sup>11</sup> Citamos quatro textos publicados na IECLB e que são fruto dessa reflexão: 1. *O culto luterano*, São Leopoldo: Sinodal, 1982. 2. Eugene L. Brandt (Ed.), *A liturgia entre os luteranos*, São Leopoldo: Centro de Elaboração de Material, 1985. 3. *Celebrações litúrgicas*, São Leopoldo: Centro de Elaboração de Material, 1986. 4. Regin Prenter, *Liturgia e teologia*, São Leopoldo: Centro de Elaboração de Material, 1988.

<sup>12</sup> As Igrejas Evangélicas da Alemanha (EKU e VELKD) lançaram, no Advento de 1999, depois de mais de uma década de experimentação, seu livro de culto: *Evangelisches Gottesdienstbuch*, Bielefeld/Hannover: Luther-Verlag/Lutherisches Verlagshaus, 1999.



CPD, p. 7-21)<sup>13</sup>. Na apresentação desse prontuário, está dito que o mesmo “destina-se a enriquecer e renovar a liturgia em nossa vida eclesial”. Partindo do pressuposto de que “liturgia faz parte da identidade cristã”, que ela “não deixa de ser expressão de uma teologia”, o referido prontuário foi “levado às comunidades para experiência e avaliação” (CPD, p. 5).

Essa decisão conciliar de 1990 ajudou a Igreja. A partir dali, muitos passos realmente foram dados em termos de liturgia. Inúmeros cursos de liturgia foram oferecidos, tanto para obreiros e obreiras quanto para pessoas que não são clérigos (as chamadas leigas). Foram elaborados materiais didáticos sobre liturgia. Também houve pesquisas no campo da liturgia.

Todas essas iniciativas, à luz da decisão conciliar de 1990, fermentaram nas comunidades. Resultaram em ensaios, experiências, estudos, discussões, com ritmos diversificados, por caminhos diferentes, com percalços e conquistas, envolvendo número expressivo de pessoas.

Ainda há questões ligadas ao culto que estão teológica e liturgicamente abertas. Carregam marcas teológicas e culturais específicas e, às vezes, divergentes de uma igreja para outra. Carecem, pois, de aprofundamento. Mesmo assim, a IECLB, a partir da sua história litúrgica, mas também como igreja que se entende como parte da *ecumene*, herdeira, por consequência, desse legado litúrgico comum, o *ordo*, que perpassa tempos, espa-

<sup>13</sup> CONSELHO DE LITURGIA da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (Coord.), *Celebrações do Povo de Deus*: prontuário litúrgico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, ed. prov., São Leopoldo: Sinodal, 1991. “Culto comunitário principal” é uma referência ao culto dominical, ou semanal, o mais freqüente. Além dele há muitas outras celebrações que reúnem a comunidade, como o culto de Batismo, as situações singulares (ofícios: sepultamento, casamento, unção, Ceia com doentes), além das *Orações Diárias da Comunidade*, que também aparecem em CPD.

ços, confissões e culturas, decidiu beber nas fontes do culto cristão. Por isso, o Concílio Geral, no ano de 2000, aprovou a *ordem de culto* que esteve na base das reflexões e ensaios litúrgicos ocorridos a partir do concílio de 1990. Trata-se, na verdade, da ordem

de culto que abrange os componentes principais da liturgia que o povo de Deus realizou ao longo da história, que delineou a renovação litúrgica proposta pela Federação Luterana Mundial (FLM), a partir de 1977, e que está na base da Liturgia de Lima<sup>14</sup>.

### Liturgia é tarefa da comunidade

Deus age. Ele vem e a comunidade reunida pode confiar que ele está ali em seu meio. A comunidade *reage*. E acontece culto. Como ação-resposta da comunidade, o culto necessita de preparo e coordenação. No caso da IECLB, os documentos normativos atestam que Deus vocaciona pessoas, a igreja as prepara e ordena, e as comunidades as escolhem para, entre outras tarefas, pregarem a Palavra e administrarem os Sacramentos.

Antes mesmo dos ministérios específicos, há o mi-

nistério de todas as pessoas crentes. E a IECLB advoga o sacerdócio geral de todos os crentes. Neste sentido, convém lembrar que esta Igreja, enquanto ainda não dispunha de pessoas ordenadas, contou com o trabalho dedicado de mulheres e homens que, devidamente incumbidos pela comunidade, pregaram a Palavra e administraram os Sacramentos. O ministério do sacerdócio geral, especialmente na liturgia, revigorou-se a partir dos anos 90. Desde então vem crescendo o papel desempe-

<sup>14</sup> Veja acima, nota 3.

nhado no culto da comunidade pelas chamadas *equipes de liturgia*. O alvo proposto para essas equipes é o preparo e a coordenação do culto da comunidade. As pessoas ordenadas fazem parte dessa equipe.

Essa tarefa, realizada por pessoas preparadas e autorizadas, a equipe de liturgia, não substitui o papel da comunidade. A equipe não *faz* o culto para que

a comunidade *assista* a ele. A equipe coordena o culto, e um de seus integrantes o preside. Mas ela não substitui nem elimina o papel que cabe a cada pessoa com seus dons. O culto é ação-resposta de toda a comunidade. A comunidade celebra. O alvo maior de quem coordena e preside é o envolvimento e a participação ativa e significativa da comunidade.

### O culto acontece numa *situação específica*

A tarefa a ser executada pela equipe de liturgia contém alguns pressupostos. Implica conhecer o *ordo*, a lógica das suas partes com seus elementos, os critérios – bíblicos, teológicos, históricos, litúrgicos, confessionais, antropológicos - que orientam o que é imprescindível e o que é útil para o culto cristão. Também implica conhecer a *situação específica* em que o culto acontece. Por

isto, a equipe precisa estabelecer:

a) o tema: a celebração enfocará *o quê?* Normalmente o tema é indicado pelo Evangelho, segundo o Lecionário<sup>15</sup>. Também pode ser que ele brote a partir do contexto em que o culto está inserido, daquilo que ali está acontecendo e que precisa ser levado em conta.

b) o perfil da comunidade: *quem* serão as pessoas

<sup>15</sup> Lecionário é uma coleção de leituras ou seleções das Escrituras, organizadas e destinadas para a proclamação durante o culto da comunidade.

que vão se reunir? Serão jovens, idosos? Participarão crianças? Residem em área rural, na vila, no centro? O que fazem? Qual é seu grau de instrução? Quais são suas alegrias, esperanças, dores, conflitos?

c) o lugar do culto: *onde* será a celebração? Como é esse lugar? Que condições oferece? Permite aconchego, recolhimento, movimentação das pessoas?

d) *quando* será a celebração? Em qual hora do dia? Em que época do ano? Em que período do Ano Eclesiástico (tempo litúrgico)?

e) *de quanto tempo* se disporá para celebrar?

f) *quem* participará do preparo e da coordenação desse momento? Quem poderá fazer o quê? Há grupos da comunidade que po-

dem ser envolvidos? O grupo de jovens, por exemplo? Qual será o papel do coral e dos músicos?

Definida a situação específica, convém encontrar um símbolo ou estabelecer um gesto simbólico para expressar o *tema*. Neste caso, além de ouvir o que Deus diz ao seu povo, a comunidade poderá *ver, sentir, apalpar* a palavra de Deus. E assim se pode *moldar* cada liturgia, fazendo uso dos recursos litúrgicos de que se dispõe: o *ordo*, com suas partes e elementos, constituído pelos dois núcleos centrais, além de poemas, símbolos litúrgicos (vela, cruz, panôs, antipêndios), bem como objetos da natureza (água, pedras, galhos, folhas, flores, óleos para unção, incenso).

### Culto: apoiado num tripé, sustentado por Deus

Uma das críticas dirigidas ao “culto luterano” – aqui, equivale a “culto na IECLB” – é a de que o mesmo é “muito racional”. Com isto, quer-se dizer que o cul-

to é preparado na perspectiva de “fazê-lo” com pessoas “que só [assim parece ser!] têm a capacidade de ouvir e assimilar conteúdo”. Culto “precisa ser compre-

endido”. De acordo com essa lógica, “o centro do culto é a pregação”. Embutida na mesma crítica, como conseqüência da primeira afirmação, está a constatação de que o culto luterano “é frio” e “não envolve as pessoas”. Essas “só sentam e levantam”.

Como a liturgia do Livro de Culto recebe e trabalha essa crítica<sup>16</sup>?

Qualquer celebração traz consigo uma dimensão intelectual e cognitiva. No caso do culto, tudo que ali acontece contém um sentido teológico-litúrgico. O culto necessita da razão, tanto de quem o prepara quanto da comunidade que o celebra. Portanto, o culto tem a ver com o **saber** de conteúdos. Daí o lugar e a função imprescindíveis da pregação da palavra de Deus, por exemplo. Mas o culto não se resume a essa dimensão.

O culto é feito por pessoas, por corpos vivos. E

essas pessoas têm sentimentos. Elas têm emoções. São seres afetivos. Por isto, o culto também precisa alcançar os sentimentos da comunidade que celebra. A liturgia do culto precisa, necessariamente, provocar uma atitude interior nas pessoas. A presença de Deus, através do Espírito Santo, é experimentada, sentida. Eis o mistério da fé! Só assim é possível compreender a afirmação de uma pessoa, após o culto: “Não lembro da pregação, mas o culto foi bonito. Eu senti a presença de Deus”. Portanto, ao comunicar a Palavra para que seja compreendida pela comunidade, a liturgia sempre tem a ver com a experiência do **sentir**.

Essa experiência interior será tanto maior quanto mais expressiva for a ação litúrgica de cada pessoa do corpo comunitário. Para isto, nada precisa ser inventado. Importa valorizar –

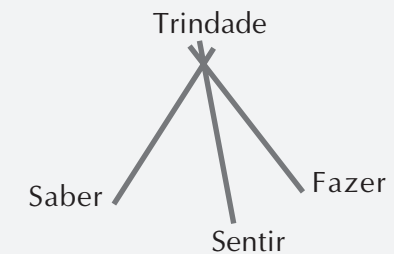
<sup>16</sup> As ponderações que seguem têm por base o texto de Luiz E. P. Baronto, *Laboratório Litúrgico – pela inteireza do ser na vivência ritual*, São Paulo: Salesiana, 2000.

como se valoriza a capacidade de compreensão das pessoas! – os movimentos e os gestos que a liturgia do culto possibilita e, em geral, pede. Isto é, cada elemento da liturgia pode – deve – ser articulado por meio de gestos, requerendo o envolvimento pleno da comunidade. Por exemplo, uma coisa é dizer “você é bem-vinda neste culto”. Outra coisa, bem outra, é traduzir esse conteúdo das boas-vindas através de um abraço caloroso. Liturgia, portanto, é algo que as pessoas **fazem**.

Baronto resume a relação desse tripé assim: ao se executar um rito com o corpo (fazer), pressupõe-se o conhecimento do seu significado teológico (saber) e requer-se o envolvimento afetivo e emocional na

ação ritual (sentir). Dessa forma, a liturgia tem maior força para promover modificações na maneira de viver das pessoas (implicações éticas) e de gerar e alimentar sua espiritualidade.

O trino Deus, cuja ação primeira, generosa, graciosa criou e sustenta a comunidade, está e age no culto através do Espírito Santo. Faz com que o culto seja percebido como seu serviço em nosso favor. Ele evoca a resposta feita, sentida, compreendida. Por isto, enquanto *reação* articulada pela inter-relação do tripé *saber, sentir, fazer*, a liturgia do culto está sustentada na força que não parte das pessoas que celebram, mas que lhes é *dada*. Para ficar na figura do tripé, é o próprio Deus que une as suas partes e o sustenta.



## Princípios teológicos da liturgia e do culto

A IECLB é uma igreja de imigração. Seu nascimento no Brasil se deu com a vinda de pessoas da Alemanha. Ela é também uma igreja herdeira. Herdou as tradições litúrgicas da “igreja-mãe”. Mesmo assim, um dos traços da IECLB é sua luta histórica para ser igreja no Brasil. A tradução de liturgias, o surgimento de hinários e cancionários, e a edição de manuais de culto em português apontam nessa direção.

Seguindo essa dinâmica, na busca por uma liturgia renovada, a partir do seu contexto histórico, a IECLB optou, por decisão conciliar, pelo *ordo* litúrgico básico que a história legou. E, como foi apontado acima, esse *ordo* insere a IECLB num espaço ecumênico abrangente e significativo, comum a muitas igrejas. Ao fazer esse movimento – in-

ternamente, de renovação; na relação com a ecumene, de aproximação –, a igreja observa **princípios teológicos** que fundamentam a compreensão do seu culto e que são parte essencial do alicerce que sustenta este Livro de Culto da IECLB<sup>17</sup>.

1. A base e os critérios do culto luterano são *solus Christus, sola scriptura, sola gratia, sola fides* (somente Cristo, somente a Escritura, somente a graça, somente a fé).

2. Na realização do culto, importa destacar o que Cristo ordenou e deixar de lado o que se opõe a isso.

3. Na Ceia do Senhor, Jesus está presente *em, com e sob* os elementos do pão e do vinho e se dá a nós de graça.

Na Ceia do Senhor recebe-se o Cristo inteiro. Isto

<sup>17</sup> Esses princípios não foram inventados. Orientam, por exemplo, o *Evangelisches Gottesdienstbuch* (livro de culto das Igrejas Luteranas da Alemanha) e o livro de culto da Igreja Evangélica Luterana da Finlândia (cf. Yngvill MARTOLA, *Worship Renewal in the Evangelical-Lutheran Church of Finland*, *Studia Liturgica*, London, v. 31, n. 1, p. 84-85, 2001).

significa que a Ceia reafirma e concede o *benefício inteiro* do sacrifício de Jesus. E esse benefício abrange vários aspectos. Neste sentido, Ceia do Senhor é: **a) presença real**: Jesus disse com clareza que “isto [o pão] é [!] meu corpo” e “este cálice é [!] a nova aliança no meu sangue” (1Co 11.24-25); **b) comemoração**: Jesus ordenou celebrar a Ceia “em memória de mim”. Fazê-la em sua memória é atualizar, tornar presente e afirmar a eficácia de toda a obra de Deus em Cristo (*anámnesis*), desde a criação até o retorno de Cristo; **c) comunhão**: a Ceia cria e estabelece comunhão com Cristo (1Co 10.16) e, por ser comunhão *com* e *em* Cristo, cria, é e sustenta comunhão entre as pessoas que comungam; **d) compromisso**: participação na Ceia do Senhor implicará compromisso solidário na promoção e defesa da vida criada por Deus; **e) ação de graças**: Jesus deu graças na instituição da Ceia. Cele-

brar a Ceia por ele ordenada é manifestar alegria, gratidão, louvor (At 2.46). Ceia do Senhor é expressão de gratidão e louvor (articulada por meio da *Oração eucarística*) efusivos pelo que ali é recebido, atualizado, experimentado. **f) ação e presença do Espírito Santo**: na sua Ceia com discípulos, Jesus agiu. Na Ceia da comunidade cristã, o Espírito Santo age. Essa Ceia é do Senhor porque o Espírito Santo a faz; **g) antecipação do banquete messiânico**: a Ceia do Senhor antecipa a comunhão plena com Deus. Ela proclama a ressurreição de Jesus na expectativa da sua volta (1Co 11.26); **h) remissão de pecados e reconciliação**: Cristo morreu *por nós*. Esse sacrifício concedeu perdão dos pecados. Fomos reconciliados com Deus mediante o sacrifício de Jesus (Rm 5.10). A Ceia do Senhor celebra esse benefício. E porque Deus perdoa e reconcilia, quem participa da Ceia está capacitado e incumbido por Deus de perdoar e re-

conciliar-se com seu próximo. Daí o lugar do *Gesto da paz* no culto da comunidade (Tg 5.16).

4. O Deus trinitário está presente no culto. O culto sempre inicia com o *Voto inicial* (Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo), ou com a *Saudação apostólica* (A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês).

5. Culto é diálogo entre Deus e a comunidade. É *anámnesis* (rememoração atualizada) da obra do trino Deus e resposta da congregação. A comunidade se encontra com o Deus que, primeiramente, a criou e que permite e ordena o culto.

6. O culto é celebrado sob a responsabilidade e com a participação de toda a comunidade. Nesse ato, o papel das pessoas ordenadas ao ministério eclesial, junto com as equipes de liturgia, é imprescindível para realizar o culto da comunidade. Mas quem celebra é a comunidade to-

da, a qual inclui os liturgos. A função de cada pessoa na celebração é insubstituível. O culto é a celebração de ação de graças de toda a congregação, onde cada pessoa ocupa seu próprio lugar e exerce responsabilidade específica.

7. O culto segue uma estrutura litúrgica básica, estável e reconhecível, herança preciosa da tradição cristã – o *ordo*. Essa estrutura oferece a base e a moldura para o culto. Ela focaliza dois núcleos centrais: a pregação da Palavra e a celebração da Ceia do Senhor. Sobre essa estrutura deve-se moldar a liturgia. E os resultados dessa tarefa podem ser distintos.

8. A pregação da Palavra (que pode ser multi-forme) é imprescindível no culto da comunidade; é elemento central do culto luterano. Mas ela é *um elemento entre muitos outros*, da liturgia toda, que constituem o conjunto de elementos imprescindíveis.

9. Textos litúrgicos reconhecidos pela tradição da

Igreja e textos litúrgicos modernos têm lugar no *ordo*. Por isto, renovar liturgia não significa, de forma alguma, abolir textos reconhecidos pela tradição, ricos no seu conteúdo, imagens e força irradiadora. Eles são mantidos e, muitas vezes, recuperados. Ao mesmo tempo, é necessário – e prioritário – formular liturgias com linguagem e textos que reflitam o contexto da vida das pessoas que hoje celebram, à luz da teologia que fundamenta a liturgia do culto da igreja.

10. O culto cristão precisa revelar genuinamente o novo tempo que iniciou com Jesus. Ao mesmo tempo, a mensagem que anuncia esse novo tempo precisa ser reinterpretada à luz do contexto atual. Isso traz conseqüências para a linguagem, a arte, a música, a arquitetura, as normas éticas e os padrões culturais que, no caso da moldagem de uma liturgia, são determinantes.

11. A posição e a função da *Oração eucarística* na li-

turgia precisam ser fortalecidas, partindo do núcleo central do culto luterano. Como elemento constitutivo do núcleo da Ceia do Senhor, essa oração reafirma a obra salvadora de Deus por meio de Jesus Cristo. Confirma a presença e ação do Deus Criador e do Espírito Santo, que consagra e congrega. Articula o louvor da comunidade que recebe Jesus no pão e no vinho.

12. O culto evangélico-luterano, e a própria revisão dos livros de culto têm por base a tradição litúrgica da Igreja. Por isso, a liturgia do culto está relacionada de forma viva com os cultos de outras igrejas na *ecumene*. E isso possibilita aprendizagem, cultivo de espiritualidade e busca de caminhos comuns.

13. A linguagem litúrgica não é excludente. O culto reúne o corpo comunitário na companhia de Deus. Desse corpo fazem parte todas as pessoas, homens, mulheres, idosos, jovens, crianças, articuladas nos

grupos mais diversos. Todas precisam encontrar no culto um espaço digno e a possibilidade de plena acolhida e expressão. E isto implica encontrar uma linguagem que, de forma correta e adequada, exprima a dimensão inclusiva do culto.

14. Ação, comunicação e comportamento litúrgicos

dizem respeito ao ser humano como um todo. Por isto, são expressos de forma corporal e sensitiva. Este pressuposto implica moldar liturgias para cultos em que as pessoas sejam acolhidas e possam celebrar de forma integral, com seus cinco sentidos, como gente que são.

### Elementos imprescindíveis e úteis da liturgia

A liturgia do culto cristão apresenta, em sua base, dois núcleos: a Palavra e a Ceia do Senhor. Esses dois núcleos indicam o que é imprescindível no culto. Portanto, a liturgia do culto cristão – também na IECLB – não deveria conter menos que isso.

Já a história da IECLB revela que o culto principal desta Igreja tem sido o culto da Palavra, e a Ceia do Senhor a exceção. Diante dessa realidade, o propósito do Livro de Culto não é o de abolir esse culto da Palavra. O desafio consiste em assumir a Ceia do Senhor como parte constitutiva do culto regular.

Mas isso não responde de forma cabal à pergunta pelo que é imprescindível e útil no culto, ainda que seja uma indicação essencial e objetiva. Há outros elementos a considerar que, na liturgia, aparecem antes ou depois desses dois núcleos.

No caso da **Liturgia de Entrada**, o culto deve ser declarado como evento que se realiza em nome do trino Deus (*Voto inicial*) e não pode prescindir de uma *Acolhida*. Porque o próprio Deus está ali e acolhe a comunidade reunida, esta precisa ouvir e experimentar tal convicção de fé. E

isto se articula com palavras e com gestos. A *Oração do dia* recolhe (daí também a designação de *Coleta*) as expectativas da comunidade reunida e as apresenta a Deus, com vistas às *Leituras bíblicas*.

Na **Liturgia da Palavra** são imprescindíveis a Palavra de Deus, lida e pregada, e a *Oração geral da Igreja*.

Na **Liturgia da Ceia do Senhor** parece residir a dificuldade maior de indicar os elementos imprescindíveis. Porém, tomadas à luz

das origens do culto cristão, as quatro ações (sempre em resposta à ação primeira de Deus por nós) detectadas por Gregory Dix traduzem o que é imprescindível, ou seja: o *Ofertório*<sup>18</sup>, a *Oração eucarística*, a *Fração*<sup>19</sup> e a *Comunhão*, além do *Pai-Nosso* e do *Gesto da paz*<sup>20</sup>.

Na **Liturgia de Saída** são considerados imprescindíveis a *Bênção* e o *Envio*.

Portanto, podem ser considerados elementos imprescindíveis da liturgia do culto regular:

<sup>18</sup> Este provavelmente é o elemento que exigirá mais tempo de estudo e diálogo para poder ser incorporado ao *ordo* regular do culto na IECLB, devidamente compreendido, com toda a sua importância teológica. Diante dessa necessidade, precisa haver cautela no processo de recolocar o *Ofertório* na liturgia, para que não dê margem ao mal-entendido de que se trata de obra meritória humana.

<sup>19</sup> A *Fração*, neste lugar, fora da *Oração eucarística*, auxilia a evitar que se associe às *Palavras de Instituição (Narrativa da Instituição)* qualquer interpretação mágica e a resgatar a força dos gestos: partir o pão, derramar o líquido no cálice.

<sup>20</sup> O *Gesto da paz* abrange a confissão de pecados a Deus.



## LITURGIA DE ENTRADA

Acolhida  
Voto inicial  
Oração do dia

## LITURGIA DA PALAVRA

Leituras bíblicas  
Pregação  
(Recolhimento das ofertas)  
Oração geral da Igreja

## LITURGIA DA CEIA DO SENHOR

Preparo da mesa e Ofertório  
Oração eucarística  
Pai-Nosso  
Gesto da paz  
Fração  
Comunhão

## LITURGIA DE SAÍDA

Avisos gerais  
Bênção  
Envio<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Esta liturgia recebe, como o gostoso bolo de aniversário, o “recheio” dos hinos, cânticos e da música em geral.

Todos os demais elementos do *ordo* são considerados úteis.

## Culto eucarístico é culto extenso?

Quem enxerga essa liturgia registrada numa folha pode ter a impressão de que “disso acaba resultando um culto muito comprido”. E, de fato, se a liturgia for moldada (definida e formulada) com base em toda a sua estrutura, sem distinguir o que é tão-somente útil, o culto durará mais do que os 60 minutos considerados “normais”. Mas essa primeira impressão é relativa.

Além da necessidade de submeter-se a estrutura toda da liturgia aos critérios do que é imprescindível e do que é útil, importa compreender que cada elemento da liturgia pode ser moldado. Como o oleiro modela um recipiente para comportar 100 mililitros de água e outro para 20 mililitros – e os dois conterão água que sacia a sede –, cada elemento da liturgia também pode ser moldado de modo a tornar-se mais ou menos extenso, sem prejuízo para sua função e significado. E isto vale para todos os ele-

mentos e todas as partes da liturgia.

A duração estabelecida para um culto também é critério para moldar uma liturgia. Desde 1992, tem havido celebrações do culto eucarístico em todos os concílios gerais da IECLB. O tempo previsto sempre foi de 40 minutos. A partir dessa previsão de tempo é que se moldou a liturgia. E foram cultos com a presença de até 200 participantes.

Finalmente, na definição do tempo do culto, também se devem considerar e buscar *ações que agilizem* o desenrolar da liturgia, sem que, com isso, se perca em qualidade. Como exemplo, pode-se tomar a forma de realizar a *Comunhão*, na Ceia do Senhor. Há muitas formas de se reunir uma comunidade para esse momento tão relevante, que, de preferência, deve acontecer no espaço ao redor da mesa da comunhão, seu lugar legítimo. Se, porém, o número de pessoas para

a *Comunhão* for muito grande e ela for “como de costume”, essa parte pode ocupar até 60% do tempo do culto. Nesses casos, ofe-

recer outras formas de realizar a *Comunhão* é um desafio à criatividade e ao bom senso.

### Costuras e explicações técnicas

Na liturgia, os elementos precisam estar relacionados de forma lógica, e cada um necessita ser expresso de tal maneira, que cumpra sua função de acordo com seu significado. E isto se faz com uma *costura*. Costura é uma frase breve, objetiva, precisa, não imprescindível para cada elemento da liturgia, que ajuda a traduzir, onde for útil, “o que vem agora e por que isso vem nesse momento”. A costura ajuda a comunidade a compreender e sentir seu encontro com Deus de forma profunda e marcante. Como ilustração, segue uma costura que faz a ponte entre a Liturgia de Entrada e a Liturgia da Palavra, numa liturgia que enfatiza o *Kyrie* (elemento que permite expressar o clamor da comu-

nidade em vista das pessoas que sofrem): “Estamos num mundo em que, longe e perto de nós, ecoam os mais diferentes clamores. Conscientes disso, ouvimos o que nos diz a Palavra do Senhor”.

Se costuras são necessárias para o desenvolvimento pleno da liturgia, também o são as *explicações técnicas*. Mas é preciso fazer a devida distinção entre ambas. Explicações técnicas são informações breves e claras sobre elementos da liturgia, sobre alguma ação específica que será realizada, sobre o uso de algum folheto, sobre a forma de participação da comunidade. A utilização desse recurso das explicações técnicas – antes do início do culto! – requer cuidado e sensibilidade. So-

bretudo, elas não deveriam quebrar a fluência da liturgia, mas permitir a penetração sempre mais profunda, à medida que a liturgia vai acontecendo. *Informações técnicas* inoportunas transformam-se em ruído que distrai e desvia a atenção<sup>22</sup>.

Explicações normalmente se fazem necessárias em vista de novidades. Em virtude da “nova” liturgia na IECLB, há uma necessidade maior de dar explicações. E as comunidades precisam da oportunidade para reaprender a liturgia. Explicar para compreender e para saber como fazer é parte desse processo de mudanças na liturgia da igreja. No culto, essas explicações podem ter lugar *antes* do seu início. Nesse caso, precisam ser apresentadas “em doses homeopáticas”. Além dis-

so, tal processo de mudanças deve ser cauteloso, sem pressa e sem atropelos, com absoluto respeito pelo “lar litúrgico” das pessoas.

O ideal é que esses ensinamentos (O que é isto? Para que serve este elemento? Como se pode fazer?) não aconteçam no culto. As mudanças litúrgicas – que as próprias comunidades anseiam – deveriam ser fruto de *catequese litúrgica*, desenvolvida ao longo de um período, nos grupos da comunidade, ou mesmo durante alguns minutos, antes do culto. E essa catequese pode ser teórica e prática. Cada elemento da liturgia pode ser explicado. Qual seu significado? Qual a teologia que o sustenta? Qual sua função na liturgia? Mas cada elemento (e aí estão incluídos os cânticos litúrgicos) também pode ser tema de celebrações

<sup>22</sup> Um exemplo desse ruído é quando se diz, após o convite para a *Comunhão*: “Agora pedimos que vocês formem três grupos... ali... naquele ponto... e também pedimos que vocês abram o hinário na página...”. Afirmações deste tipo desviam daquilo que é essencial em cada momento do culto e esvaziam a força que cada elemento da liturgia tem de levar as pessoas a um profundo encontro com Deus, na companhia da comunidade toda.

nos diversos grupos da comunidade (presbitério, OASE, terceira idade, jovens, crianças). Uma dessas reuniões pode iniciar com uma celebração que focaliza o elemento *Kyrie*, por exemplo. Depois de ali experimentado, tal elemento pode ser introduzido na

liturgia do culto regular. Se essa for uma catequese litúrgica bem planejada, certamente será possível conhecer a liturgia e familiarizar-se com ela de tal forma que explicações técnicas (“ruídos”) no transcorrer do culto sejam totalmente desnecessárias.